

*Quando escrevo,  
escrevo assim*

A escrita é como que um compromisso a passar de uma ideia ou intuição que pela sua novidade se afigura prometedora ao desenrolar e ao estruturar de um pensamento. Passar de um «e se?» luminoso, que assinala a irrupção de um não pensado, de um nunca visto dessa maneira, a um «como se», em que se desenrola o processo de reformulação das inteligibilidades habituais que, pela mudança de pressuposto suscitado pela novidade da ideia, se tornaram, entretanto, problemáticas, insuficientes ou desinteressantes.

Mas se a escrita é, no seu primeiro e mais espontâneo ímpeto, compromisso a que algo de diferente seja pensado, aprofundado nas suas consequências ou explorado na sua fecundidade, nada garante que a adopção desse novo ponto de partida, entretanto acolhido como hipótese de trabalho, seja uma boa pista. É esta falta de garantia que confere à escrita a sua dimensão ensaística, no que isso tem de

\* Texto escrito por ocasião da participação no III Encontro de Didáctica da Filosofia, subordinado ao tema *O Texto e as aulas de Filosofia*, organizado pela Associação de Professores de Filosofia e pela Secção de Filosofia do Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora, realizado no Anfiteatro do Colégio do Espírito Santo, nos dias 22 e 23 de Outubro de 1998. Nessa iniciativa participei como Coordenador do Seminário «A escrita do ensaio filosófico».

experimentalismo, de se ser capaz de operar o trânsito entre a esfera da interrogação ou suspensão do que se pressupunha, para a esfera das consequências problematicamente sustentáveis que o discurso procurará architectar.

Escrever «como se», fazer da escrita *topos* guerreiro de uma consistência suposicional. Até porque a fecundidade dessa ideia, que parece prometedora, tem de ser averiguada, trabalhada, amadurecida, reflectida na pertinência das suas implicações. Essa ideia que nos desafia e conduz ao ímpeto inicial da escrita, e que com o corpo da escrita procuramos agarrar, impedindo-a de se volatilizar, tem pois de ser retomada. Ela é escrita para que se possa tornar palpável e para que a visibilidade do seu desafio perdure, assumindo de certa forma uma dimensão transpessoal, uma autonomia própria — ela já não é uma ideia que eu tive mas uma possibilidade que se me coloca e, mais precisamente, que «se coloca». Constitui-se, por isso mesmo, como algo que insistentemente polariza o pensamento, que faz pensar, que suscita correspondência. Ela não está aí para ser tratada como objecto estético, mas como provocação à capacidade e à